



# Biblioteconomia e os **Ambientes** de Informação 2

---

Guilhermina de Melo Terra  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Guilhermina de Melo Terra  
(Organizadora)

# Biblioteconomia e os Ambientes de Informação 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora

**Editora Executiva:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Diagramação:** Natália Sandrini  
**Edição de Arte:** Lorena Prestes  
**Revisão:** Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B582	Biblioteconomia e os ambientes de informação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Guilhermina de Melo Terra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Biblioteconomia e os Ambientes de Informação; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-342-2 DOI 10.22533/at.ed.422192205  1. Arquivologia. 2. Biblioteconomia – Pesquisa – Brasil. 3. Ciência da informação. I. Terra, Guilhermina de Melo. II. Série.  CDD 020.981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Biblioteconomia e os Ambientes da Informação”, editada pela Atena Editora compreender uma série, constituída por dois volumes, cujas temáticas encontram-se ligadas à área da Ciência da Informação. Esta área, compreende um campo interdisciplinar, voltado para o processo de “[...] análise, coleta, classificação, manipulação, armazenamento, recuperação e disseminação da informação” (SILVA, 2015, p.1).

Nesta perspectiva, os capítulos que compõem este Volume 2, de forma benéfica, tratam acerca da aplicabilidade da informação, em diversos suportes, junto às organizações, de modo a melhor cumprirem sua missão organizacional, uma vez que os artigos versam sobre a gestão de bibliotecas, sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos espaços informacionais, sobre a estrutura e operações dos repositórios institucionais, sobre a aplicabilidade de estudos bibliométricos, bem como sobre os acervos e práticas estabelecidas pelas organizações arquivistas, definidas aqui como ambientes informacionais.

No que se refere ao **Eixo “Gestão da Biblioteca”**, este volume apresenta os seis primeiros capítulos da obra, assim distribuídos: o primeiro capítulo, intitulado “A administração discursiva das bibliotecas orientadas para o desenvolvimento sustentável” trata acerca do fazer ético, junto à administração das bibliotecas, enquanto organizações complexas. O segundo capítulo, denominado “A atuação da assessoria à Rede de Bibliotecas no Sistema FIRJAN: gestão, incentivo à inovação e criatividade” apresenta o trabalho da assessoria, junto à Rede de Bibliotecas do Sistema FIRJAN. Intitulado “A consolidação da rede de bibliotecas da educação adventista”, o terceiro capítulo aborda sobre o processo de criação do sistema de bibliotecas que compõem a Rede da Educação Adventista, a qual integra 166 bibliotecas do Brasil. O capítulo quatro, “A necessidade do uso do descarte no acervo da Biblioteca Profº Carlos Alberto Barbosa – IFRJ – Campus Nilópolis”, destaca a importância da política de descarte para o funcionamento da biblioteca do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis. Definido “Biblioteca de História das Ciências e da Saúde na preservação da memória: proposta metodológica de transferência de acervo bibliográfico”, o quinto capítulo apresenta os procedimentos adotados pelos profissionais da biblioteca, de modo a não danificar o acervo durante a transferência do acervo do prédio antigo para o prédio atual. Fechando este primeiro eixo, temos o capítulo sexto, “O uso do modelo SECI em bibliotecas como guia para suporte à gestão do conhecimento”, o qual aborda a importância do Modelo SECI para o processo de gestão do conhecimento e funcionamento da biblioteca.

O **Eixo “Tecnologia da Informação e Comunicação”** é constituído por cinco capítulos. Definido como capítulo sete, o artigo “Comunicação da ciência na era da internet: visibilidade e internacionalização”, apresenta o contributo das tecnologias digitais na evolução da comunicação científica em ambientes de ensino e pesquisa.

O oitavo capítulo, “Cortando gastos em tempo de crise: a biometria substituindo o cartão de usuário”, apresenta as vantagens da implantação do cadastro biométrico dos usuários da Biblioteca Central Julieta Carteadó, junto ao atendimento dos usuários. Intitulado “Digitalização e publicação *online* da Revista Leprosy Review de 1928-2001: relato de experiência”, o nono capítulo visa discutir acerca do processo de digitalização da revista em tela no meio eletrônico. O décimo capítulo é definido como “Ideologia e utopia dos discursos na Wikipédia” e visa apresentar o estudo feito acerca do uso da Wikipédia como ferramenta da busca. Por fim, o décimo primeiro capítulo, denominado “Preservação da informação digital” pretende analisar os avanços proporcionados pelo uso dos recursos computacionais aplicados à conservação e preservação da informação digital.

Para compor o **Eixo “Repositórios Institucionais”**, o capítulo décimo segundo, definido como “A Biblioteca Marechal Rondon e seus acervos digitais”, trata do repositório da biblioteca Marechal Rondon, o qual é constituído por um rico acervo sobre a temática indígena brasileira, enquanto que o décimo terceiro capítulo, definido como “Repositórios institucionais: promovendo o alcance dos objetivos da agenda 2030 da ONU” apresenta os repositórios institucionais como ferramentas utilizadas para o alcance dos objetivos do desenvolvimento sustentável exposto pela IFLA, o qual toma por base a agenda 2030 da ONU.

Os capítulos décimo quarto e décimo quinto temos os artigos que tratam do **Eixo “Bibliometria”**. Assim, o décimo quarto capítulo, “Estudo bibliométrico do acervo Raimundo Jinkings, integrante do Memorial do Livro Moronguêta da UFPA” objetiva apresentar os resultados da análise bibliométrica do acervo que pertenceu a Raimundo Jinkings. Intitulado “Qualidade, produtividade e estratégias de operações: uma revisão bibliométrica”, o capítulo décimo quinto, apresenta uma revisão bibliométrica sobre qualidade, processos e estratégias de operações para garantir maior vantagem competitiva, a partir do crescimento econômico e financeiro de uma organização.

Fechando este Volume 1, o **Eixo “Organizações Informacionais”** é formado por artigos que apresentam as organizações arquivísticas como objeto de estudo. Posto isto, o capítulo décimo sexto, “A fotografia nos arquivos: um breve estudo sobre a necessidade de uma gestão documental”, versa sobre a legitimação da fotografia, enquanto documento arquivístico, a partir de um estudo sobre materiais fotográficos em arquivos. O capítulo décimo sétimo, “A memória é refletida em um acervo ou um acervo reflete a memória?”, resgata a memória e a história, a partir do arquivo pessoal de Santos Dumont. Definido como “Análise da aplicabilidade do princípio da proveniência associado à representação da informação arquivística no acervo intermediário do IFPB – Campus João Pessoa”, o décimo oitavo capítulo aborda as contribuições do uso correto do princípio da proveniência, junto ao acervo intermediário do Arquivo Central do IFPB – Campus João Pessoa. O capítulo décimo nono é intitulado “Inovação na gestão de documentos: a proposta de implantação da tipologia documental no âmbito dos recursos humanos da Fundação Oswaldo Cruz”, visa apresentar os resultados da

gestão documental aplicado, junto ao arquivo da Fundação Oswaldo Cruz. Com o título “Notas sobre o patrimônio de ciência e tecnologia em registros fotográficos: o acervo da UFPE, a Ciência e os Cientistas”, o vigésimo capítulo visa abordar as reflexões acerca do patrimônio de ciência e tecnologia, contido no acervo fotográfico da UFPE. Em relação ao vigésimo primeiro capítulo, denominado “O acervo do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande: relato de experiência”, objetiva tratar sobre o procedimento referente ao diagnóstico e tratamento arquivístico junto ao acervo do extinto Departamento de Oceanografia e da Universidade Federal do Rio Grande. O vigésimo segundo capítulo, “Por um acervo digital de partituras de música brasileira”, discute meios de integração e ampliação dos arquivos de partituras de música brasileira, a fim de ampliar sua visibilidade e acesso. Já o capítulo vigésimo terceiro, denominado “Proposta para a criação de um vocabulário controlado a partir do Sistema de Informações do Arquivo Nacional do Brasil (SIAN)”, propõe a criação de um vocabulário controlado, tomando por base o SIAN, a fim de contribuir com a atividade de descrição, a ser desenvolvida pelo profissional arquivista.

Como se pode notar, este segundo volume encontra-se recheado de reflexões capazes de contribuir para uma sólida discussão acerca da prática biblioteconômica e arquivística. Por esta razão, em nome da Atena Editora, ao mesmo tempo em que agradecemos aos autores pela contribuição, desejamos aos leitores uma excelente leitura.

Guilhermina de Melo Terra

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ADMINISTRAÇÃO DISCURSIVA DAS BIBLIOTECAS ORIENTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Clóvis Ricardo Montenegro de Lima Fátima Santana da Silva José Rodolfo Tenório Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A ATUAÇÃO DA ASSESSORIA À REDE DE BIBLIOTECAS DO SISTEMA FIRJAN: GESTÃO, INCENTIVO A INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE	
Bernardo José de Oliveira Palma Daisy Margareth Alcáçova de Sá Pimentel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
A CONSOLIDAÇÃO DA REDE DE BIBLIOTECAS DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA	
Liliane Giusti Serra Raquel Pinto Correia Gisele Tosi de Santa Clara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A NECESSIDADE DO USO DO DESCARTE NO ACERVO DA BIBLIOTECA PROFº CARLOS ALBERTO BARBOSA – IFRJ – CAMPUS NILÓPOLIS	
Cássia Rosania Nogueira dos Santos Cintia Luciano de Paiva Josiane Borges Pacheco Heloisa Souto de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
BIBLIOTECA DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA: PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRANSFERÊNCIA DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO.	
Eliane Monteiro de Santana Dias Jeorgina Gentil Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
O USO DO MODELO SECI EM BIBLIOTECAS COMO GUIA PARA SUPORTE A GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Gil Eduardo Amorim Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA NA ERA DA INTERNET: VISIBILIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO	
Raimunda Ribeiro Lídia Oliveira Cassia Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922057</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
CORTANDO GASTOS EM TEMPO DE CRISE: A BIOMETRIA SUBSTITUINDO O CARTÃO DE USUÁRIO	
Rejane Maria Rosa Ribeiro Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira Isabel Cristina Nascimento Santana Solange dos Santos Rocha Ana Martha Machado Sampaio Gerusa Maria Teles de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>80</b>
DIGITALIZAÇÃO E PUBLICAÇÃO ONLINE DA REVISTA LEPROSY REVIEW DE 1928-2001 – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Andrea Cristina Bogado Alessandra Carriel Vieira Juliana Lourenço Sousa Marcos da Cunha Lopes Virmond	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4221922059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>91</b>
IDEOLOGIA E UTOPIA DO DISCURSO NA WIKIPÉDIA	
Marcio Gonçalves Elaine Vidal Fabiana Crispino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO DIGITAL	
Francisco Carlos Paletta Luara Martins Oliveira Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>118</b>
A BIBLIOTECA MARECHAL RONDON E SEUS ACERVOS DIGITAIS	
Rodrigo Piquet Saboia de Mello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>127</b>
REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: PROMOVENDO O ALCANCE DOS OBJETIVOS DA AGENDA 2030 DA ONU	
Layde Dayelle dos Santos Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>132</b>
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DO ACERVO RAIMUNDO JINKINGS, INTEGRANTE DO MEMORIAL DO LIVRO MORONGUÊTÁ DA UFPA	
Elisangela Silva da Costa Suelene Santana Assunção	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220514</b>	

**CAPÍTULO 15 ..... 139**

QUALIDADE, PRODUTIVIDADE E ESTRATÉGIAS DE OPERAÇÕES: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA

Raissa Cristina Pereira  
Renata Alessandra Evangelista  
Lucas Augusto de Carvalho Ribeiro  
Liliane Guimarães Rabelo  
Jackeliny Dias da Silva  
Vanessa Bitencourth dos Santos  
Lucas Chagas Gomes  
Aline Mirian da Silva  
Luan Aparecido Oloco de Oliveira  
Ingride Chagas Gomes  
Marcos Alves Gomes  
Serigne Ababacar Cissé Ba

**DOI 10.22533/at.ed.42219220515**

**CAPÍTULO 16 ..... 149**

A FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS:UM BREVE ESTUDO SOBRE A NECESSIDADE DE UMA GESTÃO DOCUMENTAL

Luciene de Castro Braga  
Alessandro Ferreira Costa

**DOI 10.22533/at.ed.42219220516**

**CAPÍTULO 17 ..... 160**

A MEMÓRIA É REFLETIDA EM UM ACERVO OU UM ACERVO REFLETE A MEMÓRIA?A QUESTÃO DA MEMÓRIA NO ARQUIVO PESSOAL DE SANTOS DUMONT

Bárbara Cristina Barbosa Pinto da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.42219220517**

**CAPÍTULO 18 ..... 168**

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO PRINCÍPIO DA PROVENIÊNCIA ASSOCIADO À REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NO ACERVO INTERMEDIÁRIO DO IFPB - CAMPUS JOÃO PESSOA

Gregório Goldman dos Santos Felipe  
Anna Carla Silva de Queiroz

**DOI 10.22533/at.ed.42219220518**

**CAPÍTULO 19 ..... 180**

INOVAÇÃO NA GESTÃO DE DOCUMENTOS: A PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL NO ÂMBITO DOS RECURSOS HUMANOS DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Lucina Ferreira Matos  
Juliana Christina do Carmo Silva

**DOI 10.22533/at.ed.42219220519**

**CAPÍTULO 20 ..... 199**

NOTAS SOBRE O PATRIMÔNIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM REGISTROS FOTOGRÁFICOS: O ACERVO DA UFPE, A CIÊNCIA E OS CIENTISTAS

Emanuela Sousa Ribeiro  
Ana Cláudia de Araújo Santos

**DOI 10.22533/at.ed.42219220520**

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>219</b>
O ACERVO DO DEPARTAMENTO DE OCEANOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<a href="#">Maria de Fátima Correa</a>	
<a href="#">Evelin Mintegui</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220521</b>	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>231</b>
POR UM ACERVO DIGITAL DE PARTITURAS DE MÚSICA BRASILEIRA	
<a href="#">Rosana S. G. Lanzelotte</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220522</b>	
<b>CAPÍTULO 23 .....</b>	<b>242</b>
PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO CONTROLADO A PARTIR DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL DO BRASIL (SIAN)	
<a href="#">Mariane Costa Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42219220523</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>253</b>

## A ADMINISTRAÇÃO DISCURSIVA DAS BIBLIOTECAS ORIENTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Clóvis Ricardo Montenegro de Lima**

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia –IBICT. Rio de Janeiro – RJ

**Fátima Santana da Silva**

PPGCI IBICT/UFRJ. Rio de Janeiro – RJ.

**José Rodolfo Tenório Lima**

Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Maceió – AL

**RESUMO:** Neste artigo discute-se o agir ético dos bibliotecários para o desenvolvimento sustentável, particularmente na administração das bibliotecas. As bibliotecas são usualmente subsistemas de organizações complexas. Os sistemas são espaços de complexidade reduzida em relação ao seu entorno, para a execução de atividades orientadas a fins. O que se observa é que o entorno dos sistemas e os próprios sistemas constituem um mundo da vida ameaçado. As ameaças vêm de sobrecargas causadas pelos sistemas ou por outras incapacidades e insuficiências do ambiente em sustentar a dinâmica dos sistemas. Assim, cabe à sociedade enfrentar estas ameaças que a racionalidade funcional lhe traz, sob a forma de um desenvolvimento de sistemas que podem ter atritos, causar danos ou mesmo destruir o seu entorno. Neste sentido cabe ampliar a racionalidade dos sistemas e discutir de modo crítico, internamente e na

esfera pública, esta racionalidade. A ampliação da racionalidade tem duas faces: a inclusão dos participantes dos sistemas no discurso e a inclusão da sustentabilidade na perspectiva dos sistemas. Ao mesmo tempo, o discurso crítico na esfera pública pode informar participantes e pressionar dirigentes. Os participantes dos sistemas bibliotecas têm escolhas éticas a fazer em relação às finalidades e atividades das mesmas. Conclui-se que o desenvolvimento sustentável na agenda das bibliotecas faz parte da aprendizagem moral dos bibliotecários, cabendo então a coragem da verdade. Espera-se que os bibliotecários interfiram como participantes destes sistemas na construção da sua agenda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Habermas. Teoria do agir comunicativo. Discurso. Sistemas. Sustentabilidade ambiental.

**ABSTRACT:** This article discusses the ethical action of librarians for sustainable development, particularly in the administration of libraries. Libraries are usually subsystems of complex organizations. Systems are spaces of reduced complexity in relation to their surroundings, for the execution of activities oriented to ends. What is observed is that the systems environment and the systems themselves constitute a threatened world of life. The threats come from overloads caused by systems or from other inabilities and

inadequacies of the environment in sustaining the dynamics of systems. Thus, it is up to society to face these threats that functional rationality brings to it, in the form of a development of systems that can have friction, damage or even destroy their environment. In this sense it is necessary to extend the rationality of systems and to discuss critically, internally and in the public sphere, this rationality. The expansion of rationality has two faces: the inclusion of system participants in discourse and the inclusion of sustainability in systems perspective. At the same time, critical discourse in the public sphere can inform participants and pressure leaders. Participants in library systems have ethical choices to make regarding their purposes and activities. It is concluded that sustainable development in the libraries' agenda is part of the moral learning of librarians, and so the courage of truth is at stake. Librarians are expected to interfere as participants in these systems in building their agenda

**KEYWORDS:** Habermas. Theory of communicative action. Speech. Systems. Environmental sustainability.

## 1 | INTRODUÇÃO

A sustentabilidade é um tema contemporâneo da maior importância, pois implica em harmonizar os sistemas ao seu entorno, e tem sido discutido nas diversas áreas. Uma das características dos sistemas atuais é sobrecarregarem seu entorno com a produção de desigualdade e pobreza, os déficits de dignidade moral e direitos sociais e a corrosão do ambiente natural.

As bibliotecas são subsistemas de organizações complexas. São espaços de complexidade reduzida com relação ao seu entorno. Utilizaremos a relação entre Habermas e Luhmann, como opção metódica para entender as possibilidades de agir comunicativo e de reconstrução racional das bibliotecas. Esta opção de método torna-se necessária não apenas como crítica da razão instrumental redutora da complexidade organizacional, mas principalmente como orientação para uma razão prática, crítica e inovadora. O que se tem são sistemas e seu entorno, que constituem um mundo da vida ameaçado. As ameaças por sobrecargas dos sistemas atuais geram um padrão insustentável de atuação na sua relação com o ambiente. Tal fato faz com que o ambiente se torne incapaz de sustentar a dinâmica dos sistemas no longo prazo.

A “crise ambiental”, descrita por Leff (2003, 2006), passa por uma crise de “conhecimento”, na medida em que a complexidade ambiental é negada a partir de uma racionalização que tem como eixos norteadores a instrumentalidade e a economicidade. Neste padrão fragmentado de interpretar a realidade a pluralidade contida na diferença existente entre os diferentes acaba sendo negligenciada na busca pela redução da complexidade, ou seja, impõe-se um padrão de certeza absoluta e controle totalitário da natureza. Tal fato acaba por gerar uma ilusão de infinitude dos recursos naturais.

A tensão provocada por esse descompasso demanda vias alternativas que

possibilitem a perenidade da sociedade no futuro. Diante deste fato parece-nos oportuno pensar na inclusão da sustentabilidade na agenda das bibliotecas, sendo necessária a adequação destas ao esforço por bem-estar presente e futuro. Isto decorre não apenas de recomendações normativas, mas principalmente por necessidades de equilibrar sistemas e entornos em bases complexas que proporcionem socialização e integração social harmônicas e justas.

Os sistemas bibliotecas tem déficit de sentido se não correspondem às demandas do entorno. A redução funcional da sua complexidade não deve acontecer num modo que implique em sobrecarregar o seu entorno e ao entorno dos demais sistemas aos quais está integrada.

O que se quer é evidenciar necessidade e possibilidade de mudanças na administração das bibliotecas e propor a reconstrução da sua racionalidade prática. Assim, espera-se a participação efetiva dos sujeitos bibliotecários, comprometidos com éticas e políticas focadas para a sustentabilidade.

A ampliação da racionalidade se dá a partir da noção de administração discursiva que consiste na ampliação das dinâmicas comunicacionais entre sistema e entorno. Assim, a esfera pública é um espaço possível para problematização da racionalidade sistêmica. Abre-se, deste modo, uma situação limite para os sistemas. De um lado as bibliotecas podem se fechar, mas por outro podem se abrir a crítica. Os participantes podem realizar a reconstrução discursiva das bibliotecas, com mais ou menos interação com seus críticos externos.

A administração discursiva tem como foco ampliar os espaços de interação e de comunicação, com uma dinâmica colaborativa em que os indivíduos possam ter possibilidades de se entender, visando suprir as deficiências existente na administração tradicional. A abordagem discursiva da administração parte de uma perspectiva dialógica objetivando recuperar o real sentido da biblioteca a partir da interação com seu entorno, a fim de atender as diferentes demandas emergentes da comunidade em questão.

A reconstrução das bibliotecas a partir das críticas aos seus limites de sustentabilidade deve fazer parte da agenda humanística da administração de bibliotecas. Conclui-se que é necessário a interferência dos profissionais bibliotecários neste processo. O que se quer é evidenciar necessidade e possibilidade de mudanças na administração das bibliotecas e propor a reconstrução da sua racionalidade prática.

## **2 | BIBLIOTECA COMO SISTEMA DE COMPLEXIDADE REDUZIDA E AGIR COMUNICATIVO COMO MODO DE INTERAGIR COM O AMBIENTE**

Usa-se como referências teóricas as Teorias do Agir Comunicativo e do Discurso de Habermas, e a crítica deste a Teoria de Sistemas de Luhmann. A partir disto buscamos entender as Bibliotecas como sistemas em organizações complexas e seu

papel é atender as demandas informacionais. As teorias de Habermas e Luhmann nos servirão de reflexão para entender a biblioteca como um sistema de organizações complexas em um mundo da vida ameaçado, assim como, servem para pensar em uma ética dos bibliotecários que oriente a administração discursiva das bibliotecas. Visa, também, inserir ações comunicativas nas organizações e destas com seu entorno, contribuindo para inclusão da sustentabilidade na agenda das bibliotecas. Para isso cabe iniciarmos nossa discussão a partir da concepção de sistema para Luhmann para que possamos compreender os pontos críticos e as soluções possíveis que o agir comunicativo habermasiano possibilita pensar para estes tipos de organizações.

A obra teórica Luhmann busca analisar e propor mecanismos que possibilitem a compreensão da sociedade moderna, principalmente no que tange a sua elevada diferenciação e dinâmica. Como resultado do seu esforço teórico Luhmann descreve a sociedade como um sistema fechado, onde tudo a sua volta é meio e sua reestruturação é autorreferente, com origem nele mesmo, e não considera o seu ambiente/entorno, assim como, também as mudanças ocorridas no mundo da vida.

Luhmann com sua perspectiva funcionalista interpreta a sociedade como um sistema autoprodutor de seus próprios elementos (autopoieses) que agem por meio de uma referência própria (autoreferenciais) e são fechados em si mesmo, autoproduzindo suas modificações a partir de processos comunicativos de ordem seletiva (códigos binários). Embora o sistema seja autorreferente, seu fechamento se dá exatamente por diferenciar-se deste ambiente/entorno, cuja complexidade o sistema não é capaz de lidar totalmente. Sendo assim o sistema é um modo de redução da complexidade para que sua operacionalidade seja viabilizada. Deste modo para Luhmann:

“O sistema não tem capacidade de apresentar uma variedade suficiente (*requisite variety: Ashby*) para responder, ponto por ponto, à imensa possibilidade de estímulos provenientes do meio. Assim, o sistema requer o desenvolvimento de uma disposição especial para a complexidade, no sentido de ignorar, rechaçar, criar indiferenças, enclausurar-se em si mesmo. Por isso surgiu a expressão *redução de complexidade*, no que se refere à relação do sistema com o meio, mas também consigo mesmo, principalmente quando se tratava de compreender as instâncias de racionalidade, as agências de planejamento localizadas dentro do próprio sistema.” (LUHMANN, 2010, p. 179)

A base da construção dos sistemas para Luhmann é a diferenciação, entre estes (sistemas) e o seu ambiente/entorno, que são outros sistemas. Ou seja, há uma diferença entre o sistema, que possui fronteiras, delimitadas pelo seu sentido funcional, e o ambiente/entorno que está situado fora da fronteira. O que promove essa diferença segundo Neves e Neves (2006) é o grau de complexidade existente entre estes dois fatores (sistema versus ambiente/entorno).

Luhmann (2007) destaca que a complexidade é uma “unidade de multiplicidades”, ou seja, um elemento pode assumir outras possibilidades que até então não eram previsíveis. Para o autor a complexidade é uma relação paradoxal e se dá pelo fato de que no ambiente/entorno, vários elementos podem assumir inúmeras possibilidades

de relações, tendo em vista que não há nenhum fator ordenador. Mediante este pressuposto o sistema surge como um espaço delimitador de complexidade a partir do seu controle. Essa delimitação deriva da interação seletiva com o ambiente/entorno no qual o sistema está inserido.

A interação entre sistema e ambiente/entorno ocorre por meio de processos comunicativos. Luhmann (1995) ao afirmar que a comunicação coordena a seletividade dos sistemas, trabalha com a hipótese de que o que possibilita a autopoieses, ou seja, sua autoprodução são derivações do processo comunicativo. A comunicação, na teoria sistêmica de Luhmann, não pode ser entendida como uma simples transmissão de informação, pois a informação só pode ser gerada pelo próprio sistema, tendo em vista que ele é autoreferente, ou seja, irá depender de sua contingência que influenciará na sua compreensão das informações provenientes do ambiente. Por isso para Luhmann comunicação se traduz em: “um processo que sintetiza informação, comunicação e compreensão” (NEVES, 1997, p.16).

De acordo com Seidl e Becker (2006) a compreensão é o ponto central no processo comunicativo da teoria luhmanniana. Diante disto temos que a partir da compreensão, que as organizações absorvem da interação com seu ambiente, acaba por influenciar seu processo de decisão. Para Luhmann (1997, p.14) as organizações podem ser entendidas como um sistema social autopoietico que tem como base a decisão: *“Los sistemas organizacionales son sistemas sociales constituídos por decisiones y que atan decisiones mutuamente entre si. El contenido teórico de esta afirmación resulta de um problema más general: el problema de la complejidad sistémica.”*

Pensar a organização biblioteca como um sistema para o qual se propõe agir além do mínimo imposto pelo sistema implica que ela seja capaz de selecionar do seu entorno complexo, elementos que reduzam tal complexidade, o que implica em aumentar sua própria complexidade, uma vez que o número de possibilidades passa a ser maior. (SILVA, 2013, p. 26). Kunzler diz que “[...] é condição para esse enfrentamento que o próprio sistema transforme-se internamente, criando subsistemas, deixando de ser simples e tornando-se mais complexo, ou seja, evoluindo. ” (KUNZLER, 2004, p.125)

Siebeneichler (2006) destaca que na teoria luhmanniana as necessidades de comunicação entre os sistemas não residem no meio linguístico da comunicação (linguagem comum) apreensíveis intersubjetivamente. Na verdade há uma decisão individualizada sobre o sucesso ou fracasso das “suposições” realizadas autopoieticamente pelos sistemas. A impossibilidade enfatizada pelo autor gerar incompatibilizações de entendimento do ambiente por parte do sistema. O que efetivamente acontece é uma interpretação autorreferente do contato realizado que pode está distorcida da realidade.

Habermas (1997) crítica a teoria de sistemas luhmanniana pelo fato dela compreender os sistemas como diferenciações de complexidade fechadas em si mesmo. Pois, conforme aponta Luhmann, os sistemas são auto-referentes,

autopoieticos, operacionalmente fechados e que interagem de forma seletiva, ou seja, apenas processam informação que fazem parte do seu “sentido” e de acordo com a sua “gramática” própria. Tais concepções são espaços para a crítica de Habermas, pois essa forma de atuação é limitadora, uma vez que a seletividade dos sistemas faz criar um distanciamento da realidade complexa enfrentada pelos próprios sistemas.

Lima e Lima (2016) afirmam, tendo como base a discussão entre Habermas e Luhmann para entender a questão ambiental em organizações, que “o auto-fechamento acaba por desenvolver uma “insensibilidade” dos sistemas” para com o seu ambiente e isso acaba desenvolvendo problemas como a “crise ambiental”. A incapacidade dos sistemas que deriva da sua forma de interação entre o sistema e o seu ambiente, resulta numa forma “codificada” de interação, uma vez que a linguagem comum, contida no compartilhamento intersubjetivo do mundo da vida, é substituída pelos mecanismos codificadores de interação, os “códigos binários”. Além disso, de acordo com Habermas (1997, p. 74) “O entendimento fora de códigos específicos passa a ser tido como coisa ultrapassada. Isso equivale a afirmar que cada sistema perde a sensibilidade em relação aos custos que inflige a outros sistemas”.

O mundo da vida ao se diferenciar estruturalmente e constituir sistemas parciais altamente especializados para os domínios funcionais da reprodução cultural, da integração social e da socialização desenvolve uma modesta capacidade do mecanismo de entendimento da complexidade do mundo da vida. A limitação do entendimento deriva do fato de que o processo de racionalização imposto visa reduzir a complexidade existente nas interações. Habermas (2002, p. 498) destaca:

[...] há as sínteses propriamente produtivas da realidade, específicas a cada função, nos níveis de complexidade que os sistemas funcionais singulares podem comportar por si mesmos, mas que não podem ser adicionados à perspectiva global de um mundo [...]

Os contextos de interação, autonomizados em subsistemas gera o desacoplamento entre sistema e mundo da vida. Tal fato acaba por proporcionar no interior dos mundos da vida modernos a coisificação das formas de vida. O desacoplamento ocorrido a partir da diferenciação das estruturas do mundo da vida, multiplicam-se apenas as formas das patologias sociais, dependendo do componente estrutural que é insuficientemente suprido e do aspecto em que isso acontece há: perda de sentido, estados anômicos e psicopatologias são as classes de sintomas mais videntes deste estado. (HABERMAS, 2002)

O momento em que o mundo da vida se racionaliza a partir da diferenciação funcional há um aumento na necessidade de entendimento tendo em vista que os sistemas fecham em si mesmo e negam a intersubjetividade. Isso acaba por poder gerar distorções na comunicação que produz efeitos vinculantes apenas por meio da dupla negação das pretensões de validade. A linguagem não pode ser desconectada do complexo horizonte de sentido do mundo da vida. Deve permanecer entrelaçado com o saber de fundo, intuitivamente presente, dos participantes da interação. A

substituição parcial da linguagem corrente reduz-se também a ligação das ações conduzidas comunicativamente com os contextos do mundo da vida. (HABERMAS, 2002)

Uma forma de resgatar os laços negados pela concepção sistêmica do contexto da ação é por meio do agir orientado ao entendimento ou agir comunicativo. Na visão de Habermas as normas se fundamentam em um contexto de interação cooperativa onde todos os concernidos possuem possibilidades iguais de argumentação em busca de um entendimento. Habermas advoga que este discurso deve ser livre de dominação, e todos devem possuir os mesmos direitos e deveres. Neste processo discursivo se pode defender ou refutar as normas existentes e corrigi-las moralmente a partir da qualidade dos argumentos válidos. Isso ocorre no ambiente em que Habermas define como espaço de possibilidades para um processo discursivo em busca de entendimento. Lima e Lima (2016) acrescentam que o ambiente da esfera pública é o espaço onde as demandas da esfera privada são colocadas em debate público em busca de novas possibilidades, incluindo assim a ideia de sustentabilidade.

A reconstrução da organização a partir de uma visão sustentável requer que os envolvidos se disponham a participar do discurso, objetivando a cooperação para melhoria de processos, inovação e bem-estar social.

Cabe então discutir a redução da complexidade nos sistemas em Luhmann, como modo de entender o agir comunicativo e as condições de discurso dentro das organizações. A estruturação dos fluxos de informação e dos processos de interação mediados pela linguagem afetam as condições do agir dos participantes dentro dos sistemas. A organização egocêntrica despreza o entorno, e se funcionaliza a partir de interesses selecionados internamente. Uma teoria crítica das organizações deve considerar o discurso do entorno, indo além da seleção dos observadores externos privilegiados. Assim como aponta Siebeneichler (1989, p. 151) “Habermas procura reagir contra aquilo que ele chama de irracionalidade dominante na sociedade atual, interpretando-a num quadro macroscópico como manifestação do predomínio da racionalidade técnica, instrumental [...]”

Habermas considera que o discurso permite erguer pretensões de validade nas interações em busca de consenso sobre as normas existentes que deixaram de ser válidas objetivando estabelecer normas que tenham validade, a partir de acordos provenientes de interações comunicativas. Habermas afirma que:

Ao invés de prescrever a todos os demais como válida uma máxima que eu quero que seja uma lei universal, tenho que apresentar minha máxima a todos os demais para o exame discursivo de sua pretensão de universalidade. O peso desloca-se daquilo que cada (indivíduo) pode querer sem contradição como lei universal aquilo que todos querem de comum acordo reconhecer como uma norma universal. (Habermas, 2003, p. 88).

Tomando por base a teoria habermasiana, os interessados podem abrir mão de seus próprios interesses em prol do bem comum, se submetendo a acordos coletivos, onde os conflitos podem ser resolvidos a partir de uma discussão argumentativa. Isso

nos permite dizer que não é ético o bibliotecário selecionar do ambiente apenas o que interessa ao sistema, sem entender as necessidades do ambiente/entorno. O sistema biblioteca encontra-se ameaçado a medida que não consegue cumprir integralmente seu papel social de atendimento às necessidades de informação para o qual foi criado. “De um modo geral as bibliotecas estão atreladas a uma visão preponderantemente sistêmica, com possibilidades reduzidas de interação, o que causa uma lacuna entre o que é oferecido pela biblioteca e a necessidade da comunidade de usuários.” (SILVA, 2013, p. 80).

Boufleuer (2001, p. 91) acrescenta que os espaços de ação comunicativa precisam ser ampliados, privilegiando uma perspectiva de análise centrada nas possibilidades inerentes do mundo da vida. É preciso buscar níveis de interações mais participativos e democráticos que consigam perceber as mudanças ocorridas na sociedade. “Com isso, em vez de uma colonização mundo da vida pela racionalidade sistêmico instrumental, teremos um sistema condicionado e legitimado pela racionalidade comunicativa, própria do mundo da vida.” (BOUFLEUER, 2001, p. 96)

O desenvolvimento do sistema biblioteca requer a inserção de ações comunicativas. O sistema biblioteca precisa ter interação com seu ambiente para que se desenvolva adequada e constantemente. O sistema selecionará do ambiente aquilo que contribuirá para a redução de complexidade e também para mantê-lo no ambiente. Muitas vezes o sistema biblioteca seleciona apenas o suficiente para se manter no ambiente, cumprindo as exigências mínimas do sistema.

Este déficit de racionalidade causa fragilidade dos sistemas. Morgan diz que organizações construídas com princípios mecanicistas, desenvolvem uma racionalidade instrumental, onde o que importa é a contribuição eficiente para a execução em uma estrutura predeterminada. Considerando as constantes mudanças na sociedade, é preciso que os elementos da organização sejam capazes de questionar a propriedade daquilo que estão fazendo, trazer para discussão de modo a modificar o que for necessário, levando em consideração novas situações. (MORGAN, 2006, p. 82)

Numa estrutura baseada em direitos humanos, o acesso à informação, a inclusão e a contribuição para liberdade do indivíduo são algumas das ações promovidas pelas bibliotecas em busca de melhorar a qualidade de vida das pessoas através da informação. A perspectiva é que o sistema consiga absorver grande parte das demandas externas de modo a manter sua sustentabilidade, priorizando aqueles que precisam de suas ações através de sua inclusão no discurso.

O fazer ético do bibliotecário neste processo de desenvolvimento pode ser decisivo, uma vez que este profissional é quem poderá propor a inclusão de um discurso na esfera pública com o objetivo de entender as demandas para melhor atendê-las, bem como agir como participante crítico do sistema.

### 3 | O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AGENDA DAS BIBLIOTECAS

Podemos entender sustentabilidade ambiental como a preocupação em reduzir os impactos das ações humanas sobre o ambiente natural (LIMA e LIMA, 2016). Para que isso seja possível Sachs (2000) descreve que é necessário a harmonização entre as dimensões: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e política internacional.

Leff (2003, p. 40) ao discutir a “crise ambiental” compreende-a como um problema de “conhecimento” derivado da visão fragmentada da realidade social que tem como fio condutor a racionalidade instrumentalizadora e economicista. Tal forma de compreensão acaba por desconectar os indivíduos dos seus processos de interação, assim como, rompe com o diálogo entre os saberes. “A crise ambiental é a primeira crise do mundo real produzida pelo desconhecimento do conhecimento; desde a concepção do mundo e do domínio da natureza que geram a falsa certeza de um crescimento econômico sem limites, até a racionalidade instrumental e tecnológica como sua causa eficiente”

O mesmo autor aponta para a necessidade de uma melhor compreensão e diálogo com a “complexidade ambiental”, esta que é reduzida para a prevalência da certeza absoluta e dominadora sobre a natureza. Interagir com a complexidade ambiental é buscar uma reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer; é desenvolver a inter e transdisciplinariedade a partir do diálogo dos saberes e a inserção da subjetividade dos valores e dos interesses na tomada de decisão. (LEFF, 2003)

A construção de uma via sustentável, segundo Leff (2006, p. 375), passa pelo diálogo entre os saberes resultante em um entendimento entre as diferenças. O mesmo autor aponta que a ação comunicativa habermasiana possibilita essa interação entre as várias dimensões participantes. Cabe destacar que Leff ao desenvolver suas linhas argumentativas faz restrições ao “pano de fundo” intersubjetivo proposto na teoria habermasiana. Porém, por opção metodológica optamos por seguir a proposta de Habermas tendo em vista que a interação entre os saberes busca promover uma reconstrução analítica a partir da incorporação da complexidade ambiental. Diante disto o desenvolvimento sustentável ou “futuro sustentável” deve ser construído a partir do diálogo entre as diferenças existentes entre os diferentes.

“A sustentabilidade aparece no horizonte dessa desconstrução da história, mas não poderá formular-se como um objetivo a ser alcançado por via da racionalidade cognoscitiva e instrumental. A sustentabilidade não é solucionável a partir do conhecimento (da gestão científica, da interdisciplinariedade ou da prospecção tecnológica). A construção de um futuro sustentável é um campo aberto ao possível, gerado no encontro de outridades em um diálogo de saberes, capaz de acolher visões e negociar interesses contrapostos na apropriação da natureza.”

Em 2002 a IFLA cria a “Declaração sobre bibliotecas e desenvolvimento sustentável” e chama a atenção das bibliotecas para a necessidade de comprometimento com o desenvolvimento sustentável de modo que se ofereça um ambiente adequado

à saúde e bem-estar, atendendo as necessidades do presente sem comprometer o futuro, acrescenta ainda que deve ser compromisso de a biblioteca assegurar liberdade de acesso à informação (IFLA, 2002).

Esta discussão pode contribuir na construção de caminhos que possibilitem uma administração de bibliotecas com maior interação e participação dos bibliotecários, uma vez que vá de encontro às necessidades reais de sua comunidade e não atendendo apenas ao mínimo exigido pelo sistema. “As bibliotecas universitárias seguem as diretrizes e as políticas de sua universidade mantenedora e, por isso, sua autonomia é limitada.” (DIB 2013, p. 98). Isso acontece com a maioria das bibliotecas, que sobrevivem para atender as demandas do sistema, mantendo assim seu entorno desconhecido. Caberá a cada profissional bibliotecário se posicionar eticamente em busca de uma biblioteca mais sustentável na oferta de seus serviços.

Partindo do princípio em que a biblioteca é um subsistema em organizações complexas, quer se pensar em uma administração discursiva por bibliotecários de modo que este subsistema tenha maior eficácia social.

É preciso uma estrutura baseada em direitos humanos, a mesma estrutura em que as bibliotecas foram criadas. Ranganathan dizia: “se os livros são instrumentos de educação, a lei para cada pessoa o seu livro pressupõe o conceito de educação para todos”. (RANGANATHAN, 2009, p. 51). A segunda lei descrita por ele versará sobre a oferta de, a cada leitor o seu livro, obedecendo ao princípio da igualdade de oportunidades em relação ao livro, ao ensino e ao entretenimento (RANGANATHAN, 2009, p. 92)

Em 2014 foi elaborada a Declaração de Lyon que discorre sobre acesso à informação e desenvolvimento sustentável. Destaca o papel das bibliotecas na sua missão educadora e social. Em 2015 os estados membros das Nações Unidas adotaram o documento “transformar nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”. Esta agenda integra 17 objetivos de desenvolvimento sustentável em que as bibliotecas são instituições fundamentais para o alcance destes objetivos, principalmente como facilitadoras do acesso à informação, disponibilização de espaço seguro para aprendizagem e convivência e também na capacitação e orientação para melhor utilização dos recursos disponíveis. Caberá aos profissionais bibliotecários assumirem o seu papel ético neste processo, não apenas para cumprimento das normas estabelecidas pelo sistema, mas em função do papel social da biblioteca.

A administração discursiva, tem que será discutido na sequência, surge como uma possibilidade para os sistemas se reconectarem com a complexidade existente no seu ambiente/entorno. Desta maneira, a forma discursiva de proceder nos atos decisórios das bibliotecas pode viabilizar a inclusão da sustentabilidade nas suas práticas administrativas.

## 4 | ADMINISTRAÇÃO DISCURSIVA DAS BIBLIOTECAS: UMA VIA PARA A SUSTENTABILIDADE

A administração discursiva é vista como uma possibilidade que “[...] busca mediar conflitos de interesses complexos e propõe uma condução racional para a reconstrução de práticas profissionais em uma administração baseada na interação.” (SILVA, 2013, p. 16)

As limitações que o processo administrativo desenvolve são os pontos de demanda que acaba por gerar inúmeras correntes teóricas construídas ao longo da inauguração da administração enquanto uma ciência. A administração discursiva impõe um novo olhar para o processo administrativo no sentido de romper com as limitações existentes na prática atual. Há alguns trabalhos buscando desenvolver sua construção teórica, como: Lima, Carvalho e Lima (2010); Lima, Lima e Moreira (2010); Lima e Lima (2017); Lima et. al. (2018); e Lima, Lima e Gunther (2018).

Para sua aplicação usa-se como referências teóricas as Teorias do Agir Comunicativo e do Discurso de Habermas. Na visão de Habermas as normas se fundamentam em um contexto de interação cooperativa onde todos os concernidos possuem possibilidades iguais de argumentação em busca de um entendimento. Habermas defende que este discurso deve ser livre de dominação, e todos devem possuir os mesmo direitos e deveres. Gutierrez diz que

“[...] a gestão comunicativa é função da possibilidade de os membros da organização, num esforço consciente e articulado, resgatarem a ação comunicativa original do mundo da vida, que depende “de (uma) forma (de se relacionar) igualitária, recíproca, espontânea e voltada à inovação”, onde os atores tendem a definir cooperativamente seus planos de ação[...]” (GUTIERREZ, 1999, p.53)

O papel da administração discursiva é ampliar os espaços de interação e de comunicação, com uma dinâmica colaborativa em que os indivíduos possam ter possibilidades de se entender. Silva, Fernandes e Lima (2013) enfatizam que, com o objetivo de suprir as deficiências na administração tradicional, surge a abordagem discursiva da administração como alternativa a partir de uma perspectiva dialógica objetivando recuperar o real sentido da biblioteca a partir da interação com seu entorno, a fim de atender as diferentes demandas emergentes da comunidade em questão.

Lima e Carvalho (2011) afirmam que a abordagem discursiva da administração possibilita enfrentar os problemas de redução da dinâmica comunicacional que ocorrem nos sistemas, incluindo as perspectivas dos participantes, que servem não apenas para evidenciar valores internos, mas também para ampliar interações com o entorno. Gutierrez complementa quando diz: “A diferença e originalidade do modelo comunicativo de gestão está na percepção das organizações como sistemas onde imperam as relações estratégicas, o que limita e condiciona o alcance de qualquer tentativa de mudança”. (GUTIERREZ, 1996, p. 66)

A proposta de administração discursiva das organizações, que tem como

mecanismo operacionalizador o agir comunicativo e racionalidade comunicativa, pode ser entendida como uma tentativa de reconstruir os mecanismos que orientam os processos decisórios nas organizações. (LIMA; LIMA, 2017). A discursividade do processo administrativo tenta ser a “ponte” sincronizadora entre o sistema e o seu entorno, ou seja, tenta reconstruir as ligações que foram desfeitas, a partir do fechamento operacional dos sistemas, na redução de complexidade existente no mundo da vida.

Cabe destacarmos, conforme relatam Repa e Nobre (2012a), que a ideia de reconstrução é central no trabalho habermasiano. De acordo com os autores o projeto reconstrutivo de Habermas pretende elucidar as regras e os processos sociais em que objetos simbólicos emergem e ganham sentido nas relações sociais. Reconstruir, no sentido habermasiano, significa refletir sobre as regras que têm de ser supostas para que seja possível a própria compreensão do sentido que é construído social e simbolicamente.

A reconstrução discursiva dos sistemas organizacionais significa buscar refletir sobre as regras que pautam o processo decisório e que têm de ser supostas como princípio para a compreensão do sentido. São essas regras, estruturas e processos que constituem a racionalidade imanente aos objetos simbólicos, a racionalidade que eles reivindicam por si mesmos para que possam ter sentido. A reconstrução racional de estruturas profundas, geradoras das decisões, permite investigar a racionalidade própria das regras usadas em um determinado momento pelo sistema.

A base reconstrução discursiva das organizações está na reconstrução “procedimental”. Silva e Melo (2012) destacam que a reconstrução, na perspectiva procedimental, discute a tensão entre factividade e validade que se observa tanto interna quanto externamente ao sistema na legitimação de suas normas na sociedade plural. Para os autores, Habermas indica, na sua proposta, que essa tensão tem de ser reconstruída, pois guarda possibilidades de uma democratização radical da vida social. Esse fato implica em uma submissão constante das organizações/sistemas, inclusive as bibliotecas, existentes à crítica e à transformação reflexiva, superando, desta forma, a imunização existente nos seus conteúdos normativos e formas de funcionamento.

É a partir desta visão, reflexiva e crítica, que se pensa a reconstrução discursiva das organizações, ou seja, propor um mecanismo em que as organizações se abram para a escuta dos seus críticos e, desta forma, problematize sobre sua interação com o entorno. A abertura a crítica é o caminho para ampliar o campo perceptivo das organizações, pois a partir da construção de um entendimento baseado na discursividade, há uma tentativa de estabelecimento de uma “ponte” com a complexidade excluída e existente no mundo da vida. A reconstrução se propõe, conforme apontam Silva e Melo (2012, p. 135), a uma “diluição de naturalizações e engessamentos indevidos das formas institucionais” que impedem a percepção multidimensional.

O procedimento adotado para a reconstrução discursiva das organizações está

fundamentado em uma atitude que tem o processo comunicativo como chave. Essa proposta rompe com a atitude objetivante, típica de um observador de regularidades empíricas. Neste caso os atores agem comunicativamente buscando encontrar uma definição comum para sua situação, assim como, em se entender sobre temas e planos de ação existentes interna e externamente a organização. Silva e Melo (2012) sinalizam que a reconstrução procedimental habermasiana possui dois ambientes de atuação, um interno e outro externo.

A reconstrução interna se volta aos modos de funcionamento do sistema, procurando recompor a tensão entre suas expectativas normativas de legitimação e a facticidade de sua forma impositiva. Nesse caso busca-se reconstruir discursivamente a normatividade sistêmica, tendo participação direta dos atores envolvidos. Essa visão é importante para discutirmos a validade de normas criadas para serem cumpridas pelos sujeitos organizacionais.

A construção discursiva é uma tentativa de reduzir a tensão existente entre a positividade das normas e o reconhecimento validativo de seus executores. O grande objetivo desta proposta de reconstrução é uma autocompreensão sistêmica, que seja construída dialogicamente entre seus participantes. A reconstrução interna remete a processos deliberativos que transcendem os discursos herméticos dos operadores sistêmicos, incluindo a possibilidade de participação da comunidade organizacional em seu todo. A partir desta reconstrução reconhece-se a insuficiência de os debates circunscritos às instâncias formais de tomada de decisão cumprirem sozinhos as exigências de uma formação discursiva da opinião e da vontade da comunidade sistêmica.

Já a reconstrução procedimental externa é a proposta de sincronização com o entorno sistêmico, ou seja, a abertura do sistema para a complexidade existente no mundo da vida. Para operacionalização deste procedimento é fundamental o reconhecimento e predisposição para a interação com as esferas públicas que habitam o entorno do sistema. Nas sociedades modernas forma-se uma consciência comum difusa baseada em projetos polifônicos e opacos de totalidade. Tal consciência pode concentrar-se e articular-se de maneira mais clara com o auxílio de temas específicos e de contribuições ordenadas que são condensados em uma esfera pública. Nas esferas públicas, os processos de formação da opinião e da vontade são institucionalizados e, por mais especialização que possam ter, estão orientados para a difusão e à interpenetração.

Os sistemas devem se abrir para discutir com o seu entorno, buscando ampliar o conhecimento existente da complexidade externa ao sistema. Deve-se instalar sensores de intercâmbio entre mundo da vida e sistema, pois é necessário que os impulsos do mundo da vida possam influir no autocontrole dos sistemas funcionais. No entanto, isso exige uma nova relação entre as esferas públicas autônomas e auto-organizadas, de um lado, e os operadores de fronteira sistêmica do outro. Essa nova relação deve se basear em um agir comunicativo, pautado pela busca pelo entendimento mútuo.

A reconstrução discursiva das organizações a partir das críticas a imunização sistêmica pode ser uma saída para a perenidade das organizações, assim como, busque uma redução das externalidades negativas que impactam no entorno e, que acabam por comprometer os limites de sua sustentabilidade.

Há uma fragilidade na administração de bibliotecas, mas cabe aos bibliotecários agirem eticamente em prol do bem-estar de seus usuários. Pizzi (2011, p.72) acrescenta que “O objetivo está em conseguir legitimidade social e, com isso garantir o seu espaço a partir de um serviço de qualidade.” Diz também que “[...] a gestão ética indica um compromisso diante dos diferentes públicos, isto é, dos grupos de interesse”. Este compromisso deve ser assumido pelos bibliotecários, a fim oferecerem um serviço de qualidade que vá de encontro às necessidades de quem utiliza os serviços da biblioteca.

A biblioteca precisa que sujeitos a façam assumir seu papel social e de caráter sustentável, disponibilizando informações para o exercício dos direitos dos cidadãos. Independente da forma, estrutura e realidade, uma biblioteca precisa ser vista como uma organização a ser administrada. (MACIEL e MENDONÇA, 2000).

Estudo realizado por Silva (2013) aponta fragilidades nos processos administrativos das bibliotecas. Partindo do princípio que a visão funcionalista da administração não dá mais conta da atual dinâmica organizacional, Maciel e Mendonça afirmam “[...] a busca por novos modelos de flexibilidade organizacional aponta novos caminhos para aqueles que pretendem se adequar às novas exigências.” (MACIEL e MENDONÇA, 2000).

Uma biblioteca sem diretrizes administrativas próprias, anula seu papel social e pedagógico e também a importância de seus profissionais na elaboração e planejamento das ações de modo a reduzir sua complexidade mantendo seu entorno totalmente desconhecido. (SILVA, FERNANDES e LIMA, 2013).

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas devem se orientar para a sustentabilidade ambiental dos sistemas nos quais estão incluídas, como parte do esforço para proteção do seu entorno de sobrecargas e de destruição da natureza. A questão não é mero recurso retórico ou adequação normativa, mas é sim uma demanda objetiva para a vitalidade da democracia política e a manutenção da capacidade de produção dos sistemas. Sustentabilidade ambiental é requisito fundamental para a própria existência dos sistemas e, conseqüentemente, das bibliotecas.

O que esta questão traz é quem e como. Quem são os sujeitos da sustentabilidade ambiental? Como estes sujeitos podem agir por esta demanda? Os sujeitos privilegiados para mudanças organizacionais nas bibliotecas são os bibliotecários, participantes destes sistemas. O discurso nas organizações pode incluir seus usuários,

particularmente os seus leitores.

Existem dois elementos importantes neste processo. Um deles é a autonomia profissional dos bibliotecários, que devem reclamar da sua liberdade de escolha e fazer valer uma ética de compromisso com a dignidade humana. O outro elemento é a interação discursiva com atores externos em defesa da sustentabilidade ambiental.

A biblioteca deve permitir que os participantes deste sistema se informem e melhorem a qualidade da sua intervenção e ao mesmo tempo, orientar os observadores externos da relação entre o sistema e a gestão da sua complexidade permitindo uma reconstrução racional do sistema em torno de uma nova racionalidade ampliada.

A integração dos participantes dos sistemas e destes com atores do entorno não acontecem por inércia ou imposição normativa. Ela deve ser tematizada e problematizada. Esta coalizão não é uma substância, mas uma mobilização pragmática a partir do discurso. O discurso é uma interação mediada pela linguagem e orientada para o entendimento. Trata-se de esforço de busca cooperativa da verdade a partir do confronto de argumentos em torno de temas e problemas escolhidos. A sustentabilidade ambiental pode e deve assim emergir da agenda dos bibliotecários.

## REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa**. 3. ed. Ijuí, RS: Ed. UNIJUI, 2001.

DIB, Simone Faury. **Administração discursiva nas bibliotecas universitárias brasileiras**. Orientador: Clóvis Montenegro de Lima. Rio de Janeiro, 2013. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação Ciência e tecnologia, Rio de Janeiro, 2013.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Gestão comunicativa: maximizando criatividade e racionalidade: uma política de recursos humanos a partir da teoria de Habermas**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999

HABERMAS, Jurgen. **Coscienza moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre faticidade e validade**, v. II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

IFLA. Declaração de Lyon sobre o Acesso à Informação e Desenvolvimento, 2014. Disponível em: <http://www.lyondeclaration.org/content/pages/lyon-declaration-pt.pdf>. Acesso em: 10 ago.

IFLA. Declaración acerca de las Bibliotecas y el Desarrollo Sostenible, 2002. Disponível em: <https://www.ifla.org/ES/publications/declaracion-acerca-de-las-bibliotecas-y-el-desarrollo-sostenible>. Acesso em: 10/07/2017.

KUNZLER, C. de M. A teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 9, n. 16, p.123-136, 2004. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/146/144>. Acesso em: 20 mar.2017.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, Enrique. Pensar a complexidade ambiental. In: LEFF, Enrique (Org.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 15-64.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; LIMA, José. Rodolfo. Tenório.; MOREIRA, Fernanda Kempner. . PROBLEMATIZAÇÃO E RACIONALIZAÇÃO DISCURSIVA DOS PROCESSOS PRODUTIVOS EM ORGANIZAÇÕES. Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação (Online), v. 7, p. 669-692, 2010.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; CARVALHO, Lidiane dos Santos; LIMA, José Rodolfo Tenório. Notas para uma administração discursiva das organizações. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, p. 1-14, dez. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009509/9e1ba7523a91f764296810c7f756e640>. Acesso em: 17 jun. 2017.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; CARVALHO, Lidiane. **Uma abordagem discursiva da avaliação do ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil**. Revista EDICIC, v. 1, n. 1, p. 50-70, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/131/1/ClovisEDICIC2011.pdf>. Acesso em 15 ago. 2017

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; LIMA, José Rodolfo Tenório. **A inclusão da sustentabilidade ambiental nas organizações**: um olhar Habermasiano sobre a relação sistema e mundo da vida. Organizações e Sustentabilidade, Londrina, v.4, n. 1, p. 142-174, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ros/article/view/26831>. Acesso em 20 jun. 2017.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de et. al.. A Competência Comunicativa Na Administração Discursiva De Organizações. Informação@Profissões, V. 7, P. 3-30, 2018.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de; LIMA, José. Rodolfo. Tenório. ; GUNTHER, Helen. F. . Discurso Prático, Aprendizagem E Desenvolvimento Em Organizações. Gestão& Aprendizagem, V. 7, P. 99-111, 2018.

LIMA, José. Rodolfo. Tenório.; LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de . Discurso, reconstrução racional e administração humanística das organizações. IN: Clóvis Ricardo Montenegro De Lima. (ORG.). Anais do 13º Colóquio Habermas e 4º Colóquio de Filosofia da Informação. 1ed. Rio de Janeiro: Salute, 2017, V. , p. 284-307.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria de sistemas**. Petropolis: Vozes, 2010.

LUHMANN, Niklas. **La sociedad de La sociedad**. Ciudad de México. Editora Herder, 2007.

LUHMANN, Niklas. Social systems. Stanford: Stanford University Press, 1995.

LUHMANN, Niklas. **Organización y decisión. Autopoieses, acción y entedimiento comunicativo**. México: Anthropos, 1997.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Niterói, RJ: Intertexto, 2000.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 2006.

NEVES, C. E. B.. Niklas Luhman e sua obra. In: NEVES, C. E. B.; SAMIOS, E. M. B. **Niklas Luhmann: a nova teoria dos sistemas**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

NEVES, C. E. B.; NEVES, F. M.. O que há de complexo no mundo complexo?: Niklas Luhmann e a

Teoria dos Sistemas Sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 15, p.182-207, jan/jun 2006.

NOBRE, Marcos; REPA, Luiz. Breve Apresentação. In: NOBRE, Marcos; REPA, Luiz. **Habermas e a reconstrução**: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana. Campinas: Papirus, 2012a. p. 7-11.

PIZZI, Jovino; COUTO, Dilnéia Rochana Tavares do. Ensinar ética e assumir responsabilidades: os novos desafios para as empresas informativas. **Conexão - Comunicação e Cultura** (UCS), Caxias do Sul, v. 10, n. 19, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/523>. Acesso em: 10 de jun. 2017.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SEIDL, D.; BECKER, K. H. Organizations as distinction generating and processing systemas: Niklas Luhmann's contribution to oragnizacion studies. **Organization**, London, v. 1, n. 13, p.9-35, abr.2006.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. **Jürgen Habermas**: razão comunicativa e emancipação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. O direito das sociedades pluralistas: entre o sistema imunizador luhmanniano e o mundo da vida habermasiano. In: SIEBENEICHLER, Flávio Beno. **Direito, moral, política e religião nas sociedades pluralistas**: entre apel e habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 39-60.

SILVA, Fátima Santana. **Administração de bibliotecas em instituições privadas de ensino superior**: uma abordagem discursiva a partir das novas demandas de acesso e uso da informação. Orientador: Clóvis Montenegro de Lima, Co-Orientadora: Geni Chaves Fernandes. Rio de Janeiro, 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação Ciência e tecnologia, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Fátima Santana; FERNANDES, Geni Chaves; LIMA, Clóvis Montenegro de. Administração de bibliotecas em instituições privadas de ensino superior: uma abordagem discursiva a partir das novas demandas de acesso e uso da informação. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 66 – 91, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/index>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SILVA, Felipe Gonçalves; MELO, Rúrion. Crítica e reconstrução em direito e Democracia. In: NOBRE, Marcos; REPA, Luiz. **Habermas e a reconstrução**: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana. Campinas: Papirus, 2012. p. 135-167.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GUILHERMINA DE MELO TERRA** Com Pós-doutorado em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), Doutorado em Museologia, pela mesma Faculdade, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas, Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Católica Dom Bosco e Graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas, Guilhermina Terra é professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas. Lotada no Colegiado de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação, atua tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Membro aderente do MINON Internacional e ICOM-PT, bem como integra dois grupos de pesquisa, sendo um intitulado Grupo de Pesquisa CRISOL - Pesquisas e Estudos Culturais: Patrimônio & Memória, pela Universidade Federal do Maranhão, junto à Linha de Pesquisa Nova Museologia e Ecomuseus e o segundo grupo é intitulado Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação, pela Universidade Federal do Amazonas, sendo que se encontra em tramitação a criação do seu próprio Grupo de Pesquisa. Durante sua trajetória, a professora atuou como coordenadora do primeiro Curso de Especialização em Museologia da região Norte, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, no período de 2006 a 2007, bem como é membro do Conselho Editorial da Revista Analisando em Ciência da Informação – RACIN.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-342-2

